

Estamos na «Semana do Índio»!

Para "TAPEJARA"— Dr. Alcione Moraes Vellozo —
(Curitiba)

Em o dia 19 a América, através de todos os seus países, fremindo de entusiasmo e de patriotismo, comemorou o "Dia do Índio".

A comemoração desse Dia, é a homenagem de um Continente todo, ao seu filho primivo.

É o reconhecimento da Civilização Americana hodierna ao valor e ao mérito do creador das vetustas e magníficas Civilizações pretéritas da América de outrora.

Homenagear o Índio, é render culto de justiça e verdade, ao elemento nobre, valioso que concorreu com o sangue ao caldeamento étnico da formação do homem americano, como legítimo representante das terras do Continente, transfundindo da sua alma opulenta de virtudes, do seu coração rico de sentimentos supernos, à psiqué americana, atributos que são orgulho e glória do homem e da civilização da América de hoje, que e surgem e se impõem no cenário internacional pela força das suas conquistas e empreendimentos em todos os setores da atividade humana, e mórmente, pela expressão dos seus ideais, pela nobreza das suas atitudes, pela virtude dos seus sentimentos.

O Indigenismo não é uma nova utopia, não é o engrandecimento de fantoches, não é a superiorização teórica desses pobres remanescentes indígenas que deambulam pelas florestas, pelas praias e punas da América, carregados de misérias e de tradições, vítimas do descaso e da perversidade do homem branco.

Não, o Indigenismo nasceu das próprias cinzas das Civilizações da América pré-colombiana, derrocadas pelo invasor.

Nasceu da obra dos pesquisadores e dos cientistas, dos sábios e dos apóstolos, que convivem direta ou indiretamente com os representantes das antigas civilizações.

Nasceu e cresce vigoroso à luz da mente e ao calor do coração, da pena e do livro daqueles que, ontem como hoje, estudam o filho da América primitiva, para reorbitá-lo, immortalizando-o nos fastos de deslumbrantes páginas justas e verdadeiras de uma já vasta bibliografia indigenista.

Nessas páginas, a quem quer que as leia, surgirão as grandezas das civilizações mortas, a beleza do labor construtivo, a nobreza dos seus filhos. Surgirão os heróis e os sábios, os artistas e os filósofos, os conquistadores de terras e povos e os construtores de cidades e de civilizações.

É a América do passado com todos seus esplendores que, destruída pela ignorância e brutalidade do invasor, é hoje redescoberta e reconstruída pelo trabalho grandioso e abnegado dos Indigenistas de todos os países americanos, para doravante viver immortalizada nas páginas, à luz dos testemunhos monumentais da sua grandeza pretérita.

Secundários são os nomes. Seja Tiarajú ou Caupolican, Cuahtemoc ou Ararigboia, Lempira ou Hatuey, Tibiricá ou Anacaona, Lautaro ou Tabira, Guacangari ou Ajuricabá, Atahualpa ou Sepé, — a América ergue seu culto de

reconhecimento aos heróis conhecidos ou ignorados, glórias imortais dos seus povos indígenas, sintetizados na homenagem ao Índio Símbolo.

Símbolo de uma raça, símbolo de um Continente, símbolo de uma Civilização, símbolo de uma Cultura, — no milenar evolver do homem sobre a Terra, erguendo-o no pedestal da glória e da imortalidade, erguendo-lhe monumentos de granito e bronze.

23 de abril de 1951.

(Lido na reunião do Centro de Letras do Paraná, em comemoração ao "Dia do Índio", em a noite de 24-4-951).